

# TRIBUTO À CONCEIÇÃO DE MARIA DA COSTA MUNIZ

## *Tribute to Conceição de Maria da Costa Muniz*

**Ana Maria Almeida da Costa\***  
Universidade Federal Fluminense

**Marilda Villela Iamamoto\*\***  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

### Resumo

O artigo pretende abordar dimensões da trajetória de vida e de trabalho de Conceição de Maria da Costa Muniz, homenageando-a nas comemorações de seus 91 anos de vida iluminada. Mulher, negra, assistente social, é cofundadora da Escola de Serviço Social de Campos juntamente com Heloisa Monteiro Paixão. Esta Escola foi criada como instituição pública estadual, parte do processo de interiorização da Escola de Serviço Social de Niterói para o norte do estado, mais tarde integrada à Universidade Federal Fluminense. Conceição Muniz dá nome ao DACOM-Diretório Acadêmico do atual Campus da UFF Campos, que congrega discentes de todos os cursos da Unidade, desde o processo de expansão por meio do Reuni. Este texto tem por base entrevista inédita, fontes documentais e bibliográficas.

**Palavras-chave:** Serviço Social na História; Universidade Federal Fluminense; Curso de Serviço Social de Campos.

### Abstract

The article intends to approach dimensions of the life and work trajectory of Conceição de Maria da Costa Muniz, honoring her in the celebrations of her 91 years of enlightened life. Female, black, social worker, she is co-founder of the Campos School of Social Service together with Heloisa Monteiro Paixão. This School was created as a state public institution, part of the internalization process of the School of Social Service of Niterói to the north of the state, later integrated to the Fluminense Federal University. Conceição Muniz names the DACOM-Academic Directory of the current UFF Campos Campus, which brings together students from all the Unit's courses, since the expansion process through Reuni. This text is based on unpublished interviews, documentary and bibliographic sources.

**Keywords:** Social Work in History; Federal Fluminense University; Campos Social Service Course.

## Introdução

*Faz escuro, mas eu canto. Porque amanhã vai chegar. (Thiago de Mello)*

Este texto é um tributo à Conceição Muniz que contribuiu juntamente com Heloisa Monteiro Paixão, e sob a liderança de Violeta Saldanha Campofiorito da Gama, na implantação da atual Universidade Federal Fluminense (UFF) e do Curso de Serviço Social na Planície Goitacá, em 1962. É uma homenagem que busca jogar luz ao presente curso de Serviço Social da UFF – Campos<sup>1</sup>, a partir da história dos seus 60 anos, partilhando a sabedoria, lucidez e generosidade dessa importante assistente social.

---

<sup>1</sup> Campos dos Goytacazes é um município localizado no Norte Fluminense do Estado do Rio de Janeiro, com a maior extensão territorial do estado, que se estende por 4 026,7 km<sup>2</sup> e contava com 507.548 habitantes no último censo. Tem um importante conjunto de universidades públicas e privadas.

Em tempos tão sombrios e de tantos retrocessos relacionados às condições de vida e de trabalho da maioria da população brasileira e às políticas públicas, especialmente à Educação Superior, comemorar os 60 anos da primeira faculdade pública e gratuita no interior do estado do Rio de Janeiro – expressa no curso de Serviço Social – é de fundamental importância histórica. Tal fato motivou um grupo de docentes do Departamento de Serviço Social de Campos a criar a *Revista Goitacá*, sua revista científica<sup>2</sup>, a lançar o primeiro volume em homenagem aos 60 anos, com uma edição especial. Com a pretensão de trazer à memória, todo o percurso da criação do Curso de Serviço Social nas comemorações de seus 60 anos de existência. Neste artigo, o destaque será para a assistente social e professora Conceição Muniz, que nos presenteou com uma bela entrevista que situa esse curso na história campista e apresenta elementos de sua trajetória de vida. Esta entrevista foi base de um documentário sob o mesmo título, *Tributo a Conceição Muniz*,<sup>3</sup> que resgata os principais depoimentos. Pretende-se aqui tratar elementos da entrevista da homenagem e destacar dimensões do processo histórico que presidem a formação do curso de Serviço Social no Norte Fluminense, sob a iniciativa da Escola de Serviço Social de Niterói, assim como marcos do processo de constituição de uma Universidade Federal no estado do Rio de Janeiro, hoje a Universidade Federal Fluminense.

### **Contexto sócio histórico e econômico do surgimento do Curso de Serviço Social na atual UFF Campos**

O Serviço Social surge no início do século XX, a partir de um conjunto de demandas apresentadas pelas classes dominantes e setores da Igreja Católica em um embrionário processo da industrialização com o acirramento das contradições vivenciadas pelas classes trabalhadoras. Seu processo de organização e de tomada de consciência da superexploração perante as péssimas condições de trabalho e jornadas excessivas impulsionam mobilizações de trabalhadores, então tratadas como “questão de polícia”. O Estado, não conseguindo conter as manifestações de trabalhadores apenas com o uso da coerção e da repressão, impulsiona a criação de condições necessárias para a formação de um profissional que pudesse, através de valores morais - e em seguida por meio de um saber técnico- contribuir para aliviar aqueles conflitos e manter o *status quo*. Assim nasce o Serviço Social. Entretanto, esta mesma profissão, que tem em suas raízes a imposição das classes dominantes e setores da Igreja Católica, como aponta Yamamoto (1985), em seu desenvolvimento se apropria de referenciais teóricos, técnicos, políticos e éticos de caráter histórico-críticos. Busca assim construir uma *outra história* junto aos trabalhadores/as, suas organizações e aos demais segmentos da população excluída da riqueza por eles produzida neste País, que hoje tem raízes fincadas no contexto das grandes lutas sociais brasileiras.

---

<sup>2</sup> O Departamento de Serviço Social da UFF fundou sua primeira *Revista Falas* em 1995, que teve apenas dois números editados.

<sup>3</sup>Cf. [https://www.youtube.com/watch?v=F-nH4K\\_VQqc&t=1666s](https://www.youtube.com/watch?v=F-nH4K_VQqc&t=1666s). Produção e direção de Ana Maria Almeida da Costa/UFF, roteiro de Elziane Dourado/UERJ e montagem de Fátima Rodrigues, outubro de 2021.

Trazer à memória o contexto e o significado histórico desse curso, desde o seu embrião, implica compreender os elementos constituintes que motivaram e que contribuíram para a sua implementação. Ela tem nas pessoas de Conceição Muniz, Heloisa Paixão e Violeta Gama, fundamentais realizadoras, mulheres guerreiras que viabilizam a emergência do curso de Serviço Social em Campos dos Goytacazes.

No processo de elaboração deste texto, a pesquisa percorreu labirintos da política e suas tensões. Eles tecem as disputas históricas presentes na posição do Brasil no decurso da II Guerra Mundial, tanto com forças vinculadas ao nazifascismo quanto no apoio aos países aliados, particularmente aos Estados Unidos, que contribuiriam, naquela conjuntura, com recursos financeiros ao tardio processo de industrialização brasileiro. O correlato processo de urbanização visava a garantir a força de trabalho necessária aos avanços da industrialização.

No marco deste estudo, merece destaque a criação do SESI<sup>4</sup> em Campos dos Goytacazes, logo após o final da Segunda Guerra mundial. O SESI está intimamente imbricado à criação da Escola de Serviço Social, por meio de ex-funcionárias, fundadoras do curso de Serviço Social, como será destacado no item seguinte.

Entre as décadas de 1940 e 1970 tem-se a aceleração da urbanização no Brasil, marcada pela precariedade de equipamentos urbanos e políticas públicas que pudessem atender as demandas do crescente êxodo rural. Nesse processo, o aprofundamento da contradição entre o processo de produção social do espaço e sua apropriação privada redundava em processos de trabalho e de condições de vida das maiorias cada vez mais precarizadas. O êxodo rural acentua-se nas décadas de 1950-1960 impulsionado pelo declínio nas lavouras de café, o advento de novas leis trabalhistas no campo e a crescente regulação do Estado sobre a agroindústria canavieira, que incentiva certa formalização das relações trabalhistas. A ação do Estado após 1930 é abrangente no setor açucareiro, respondendo a interesses dos setores mais tradicionais da oligarquia fundiária (SMZRECSÁNYI, 1979). Ela se faz presente desde a produção da matéria prima (corte, transporte, pesagem e beneficiamento), à fabricação, distribuição, consumo do produto acabado no mercado nacional e internacional. As relações entre fornecedores e usineiros e seus empregados são disciplinadas pela política estatal assim como as formas de pagamento

---

<sup>4</sup> Instituição de direito privado subordinada à Confederação Nacional da Indústria (CNI), e criada pelo Decreto-Lei nº 9.043, de 25 de junho de 1946, com o objetivo de estudar, planejar e executar, direta ou indiretamente, medidas contributivas para o bem-estar social dos trabalhadores na indústria e atividades similares. O novo “espírito social do empresariado” emerge em decorrência de profundas mudanças derivadas das duas guerras mundiais, transformações decorrentes e do fim Era Vargas, expressando a necessidade de uma estratégia sócio-política que garantisse que as relações entre patrões e empregados fossem menos conflitantes. Sob a liderança da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP) e do Centro Industrial do Estado de São Paulo (CIESP). Tal estratégia se expressa na Carta da Paz Social, amparada pelos princípios de solidariedade social que nortearam a criação do SESI, com atividades nas áreas de serviço social, educação, serviço médico, assistência econômica, recreação e assistência jurídica. “Na área de serviço social, procurou-se atenuar – com o apoio das assistentes sociais –, os desajustamentos individuais, familiares e profissionais dos trabalhadores”.

da cana (QUEDA, 1972, p. 8). Essa política se materializa por meio de legislação<sup>5</sup>, de crédito e amplas subvenções voltadas a cobrir despesas e custeio além de fartos descontos na dívida de produtores rurais com o Estado.

Não se pode menosprezar a crise da agroindústria canavieira do Norte Fluminense acentuada a partir da década de 1960, com a correlata expansão da produção canavieira em São Paulo, que sobrepuja a do Nordeste e do Centro Sul. A crise impulsiona as vendas de usinas de famílias tradicionais campistas para empresários nordestinos e paulistas com ampla redução de unidades agroindustriais em mãos de tradicionais famílias da região (PINTO, 1987, p. 82, apud Faria, 2005). A cidade já experimentava as consequências do êxodo rural como, por exemplo, uma intensa ocupação da zona urbana, promovendo na mídia e em grupos residentes próximos ao centro, receios e insegurança em relação às ocupações irregulares e aos grupos que começam a demarcar, de forma mais visível, o processo de favelização campista. (FARIA, 2005).

Valendo-nos dos dados referentes ao êxodo rural em Campos, pudemos aferir que um resultado evidente de seu processo de urbanização foi o aumento da população urbana, visto também como produto do declínio da produção da cana-de-açúcar na região, iniciado anos 60. Uma das consequências negativas foi o fenômeno de favelização, expresso, claramente, pelo fato de que, em 1940, a população urbana representava 30% do total da população campista, tendo uma significativa concentração, na zona rural, de 70% da população do município. (FARIA, 2005, p. 4789).

Neves (1981, p. 197), salienta que do começo do século XX até 1920, a população rural diminui em detrimento de uma concentração urbana, mas que,

a partir dessa década (...) a população rural volta a se ampliar, passando por um processo contínuo de crescimento, tendência que se manteve até a década de 1960, quando novamente ocorre um intenso processo de migração rural (...), conforme ilustrado nesse quadro:

Tabela 1 População do Município de Campos de 1920 a 1970

População			
Ano	Urbana	Rural	Total
1920	45.430	128.672	173.102
1950	83.088	154.545	237.633
1960	131.974	160.318	292.292
1970	175.701	143.105	318.806

Fonte: Lamego, 1974, p. 169-80 e Guia Geral da Cidade de Campos dos anos: 1950,1960 e 1970, apud NEVES, 1981.

<sup>5</sup> A política intervencionista do Estado inicia-se com o *Instituto do Açúcar e Alcool (IAA)* criado pelo Decreto nº22.789 de 01/06/1933, voltado a dirigir, fomentar e controlar a produção do açúcar e do álcool em todo o país. Merece destaque o *Estatuto da Lavoura Canavieira* (Decreto Lei nº 3855 de 1941) que visava disciplinar as relações entre usineiros e lavradores de cana. Este texto legal, que tem para a agroindústria canavieira importância similar a Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT) para os trabalhadores urbanos, expressa a defesa da pequena exploração, dos colonos e trabalhadores assalariados, pois visava disciplinar as relações entre usineiros e lavradores de cana. Como registra Gnaccarini (1972, p 73-74), o Estatuto é uma resposta ao movimento grevista de fornecedores de Pernambuco e do Rio de Janeiro. Em 1935, fornecedores fluminenses realizam grande agitação, iniciada com a concentração em Campos dos Goytacazes, a que se seguiria a marcha para as usinas, mobilização que se repete em 1936. Cf. IAMAMOTO (2001).

A economia fluminense sofre com a redução da produção agrária, a diminuição da área cultivada e a intensificação do êxodo rural dentro do próprio estado e para outros centros de trabalho em grandes capitais. A industrialização da agricultura era apontada como a solução para a economia agrícola do ERJ. (GOMES, 1997). Esta mesma autora, ao caracterizar as regiões do estado, afirma que o município de Campos

pode ser considerado como a “Manchester” do norte fluminense, com uma área de influência que abrange grande parte do estado do Espírito Santo. (...) Campos é um município produtor de produtos primários e consumidor de produtos manufaturados. Constituindo-se em importante entroncamento rododiferroviário, com ligações em várias direções, atingindo não só a metrópole, como trechos dos estados do Espírito Santo e Minas Gerais. (GOMES, 1997, p. 76-77).

Costa (2008) também reafirma a relevância econômica e política do município de Campos.

O próprio Amaral Peixoto e governantes que o antecederam no executivo estadual, como Ary Parreiras e Protógenes Guimarães, reconheciam a importância política e econômica daquele município. Amaral Peixoto inclusive afirmou em sua entrevista que suas visitas aos municípios aconteciam com muito mais periodicidade ao norte do estado. Era fundamental para o político que almejava conquistar a estabilidade política no estado o apoio de Campos e adjacências. (COSTA, 2008, p. 76).

Leila Gomes (1997), no livro “Proteção Social no estado do Rio de Janeiro 1945/1964”, salienta o envolvimento do governador Amaral Peixoto e, principalmente, da primeira dama, Alzira Vargas Peixoto, com a questão da assistência social e a criação de um grande aparato assistencial na capital da República e no estado do Rio de Janeiro, destacando-se a Legião Brasileira de Assistência (LBA). Esta visa ao atendimento às famílias dos soldados que foram convocados a defender o país durante a segunda guerra mundial e cuidar daqueles que voltaram mutilados. Essa autora afirma que o analfabetismo predominava, como também a precariedade sanitária e a subnutrição, expressando a gravidade da questão social.

Com a criação da LBA, em 1942, D. Alzira Vargas Amaral Peixoto, com base nos encasminhamentos fixados em nível federal, tomou a iniciativa de criar uma ESS-Escola de Serviço Social, pretendendo não só dar suporte à capital fluminense, como também ao interior do estado. Apesar da migração para as cidades que davam maiores condições assistenciais, em especial Niterói - na qualidade de centro administrativo do ERJ - tornava-se necessário a prestação de assistência no interior, não só para evitar esta migração, mas também porque a política partidária de Amaral Peixoto, tinha como estratégia a formação de “currais eleitorais” naquelas localidades.

O “coronelato” do norte fluminense, com destaque para Campos, com elevado número de empregados nas fazendas, ocupados nas atividades agropecuárias, influenciou a criação do Departamento de Serviço Social da UFF naquela cidade, formando Assistentes sociais para atendimento àquele mercado de trabalho. Na região norte do ERJ, as ações do Serviço Social também eram calcadas nas programações da LBA. (GOMES, 1997, p.47).

Ao contrário de Vargas, com o seu conhecido nacionalismo econômico, Juscelino opta pela internacionalização do mercado, criando as condições políticas favoráveis para o desenvolvimento econômico dependente. A manutenção da ordem legal da época, a confiança no futuro de grandeza nacional para o Brasil, a consolidação do regime democrático, o alinhamento com o chamado “mundo livre”, a inevitabilidade do auxílio do capital estrangeiro ao País e o desenvolvimentismo eram pressupostos ideológicos do programa de governo. No Plano de Metas do

JK, a preocupação com a Educação estava basicamente voltada para o desenvolvimento em consonância com a política econômica adotada, com estímulo à criação de cursos de formação técnico-profissional de nível médio.

A pesquisa efetuada por meio dos documentos, teses, entrevistas e na literatura do Serviço Social e da história, revela o protagonismo e determinação das Assistentes Sociais Conceição Muniz e Heloisa Paixão, alvo do próximo item. Simultaneamente busca-se compreender, no contexto da época, as imbricações com representantes políticos e econômicos, que contribuíram para a criação das condições, para que esse projeto se viabilizasse pari e passu com a federalização da universidade no estado do Rio de Janeiro.

### **Conceição de Maria Costa Muniz: a luta pela universidade pública e a interiorização da Escola de Serviço Social no Norte Fluminense**

Conceição de Maria Costa Muniz nasceu em Campos dos Goytacazes, em 12 de setembro de 1930, filha de Walduvino Muniz e de Maria Teresa da Costa Muniz. Seu pai era funcionário público e a mãe educadora, professora primária. Estudou no Liceu de Humanidades de Campos onde fez o curso normal. Terminando o segundo grau, fez o curso intensivo preparatório de auxiliares sociais através do rádio<sup>6</sup>. Foi trabalhar com o Jardim da Infância, denominado à época de Recreio Infantil do SESI em 1949, logo após sua instalação em Campos, onde conhece Heloisa Paixão, assistente social dessa instituição. Este foi o primeiro contato com o Serviço Social e Conceição começando a trabalhar sob sua orientação, fato que interfere decisivamente em sua escolha pelo Serviço Social. Heloisa Paixão e Conceição Muniz serão as fundadoras do curso de Serviço Social em Campos e tornaram-se amigas fraternas de toda a vida.

Conceição é uma pioneira do Serviço Social fluminense, mulher negra que enfrentou o preconceito racial desde a sua juventude. Como relata, aprendeu a não se submeter, a não se sentir inferior, a não se sucumbir diante de várias situações de discriminação racial. Enfrentou momentos sérios de rejeição, de sofrimento ante as humilhações. Também aprendeu enfrentá-las com senso de humor, cultivado em sua família, como ela nos relatou. Humor e sagacidade que mantém vivos nos seus 91 anos.

O Serviço Social é profissão que, apontando ao futuro, aposta nas maiorias, em suas condições de vida de trabalho, incluindo a luta contra as discriminações de gênero, geração étnico-raciais. A luta contra o preconceito racial, parte do racismo estrutural que atravessa formação da

---

<sup>6</sup>PINHEIRO (1985) registra sua proposta de curso de visitadoras sociais pelo rádio à presidente da LBA, uma vez que a falta de técnicos em assuntos do Serviço Social criava sérios embaraços aos técnicos em exercício e ao desenvolvimento da LBA no interior do país. “Por essa razão, a Prof. Maria Esolina Pinheiro propôs à presidente a experiência de um curso de visitadoras sociais, incluindo informações gerais sobre o Serviço Social, através do rádio” (p. 114), experiência com pleno êxito que se difundiu em outras ocasiões.

sociedade brasileira em suas raízes escravocratas, que destituiu direitos de afrodescendentes e populações originárias.

Conceição Muniz mantém sua fé católica, mas reconhece “um outro lado: via outras posturas de fé, crenças ou pessoas assim agnósticas ou inteiramente fora dessa situação de fé e de crer... que realizaram também lindos trabalhos sociais”.

A entrevistada nos informa que já tinha uma deficiência visual parcial, mas, no início de 2020, a perda foi total. Relata as experiências de trabalho com pessoas com deficiência visual adultos e crianças – e a convivência com os mesmos, especialmente no Educandário São José Operário.

Eu fui a trabalhar com eles, mas eu acho que quem aprendeu mais, se beneficiou mais com isso, fui eu. Quando eu tive a perda total da visão, [...], essa convivência lá, com os assistentes sociais, com as estagiárias, discutindo o problema e vivendo com ele, isso me ajudou muito [...]. Agora, eu tenho que fazer *mea culpa*, porque eu comecei a aprender o Braille, mas deixei. (Conceição Muniz em entrevista concedida à Ana Costa e Marilda Iamamoto, 22 de abril de 2021).

Conceição Muniz fez o curso de Serviço Social em Niterói, no período de 1956 a 1959. Seu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) versou sobre o valor educativo do Serviço Social de Grupo, sob a orientação da prof. Arlete Braga, reconhecida especialista no tema, também uma mulher negra. Sua formação acadêmica inclui, além do curso de Serviço Social em Niterói, os cursos de Letras e de Pedagogia, ainda que tenha se mantido, ao longo da vida, na área de Serviço Social.

A prof<sup>a</sup>. Violeta Campofiorito Saldanha da Gama, à época, era a diretora da Escola de Serviço Social de Niterói, cargo que assumiu em outros mandatos, além de Chefe da Divisão de Serviço Social do SESI em Niterói (GAMA, 1995, p. 66). Como elucida Conceição Muniz:

E dentro do êxodo dos profissionais que saíram todos para fazer o curso em Niterói, e ninguém voltava. Aí ela resolveu... pensou nessa interiorização e convidou o grupo nosso daqui de Campos para fazer o curso de Serviço Social em Niterói, com o compromisso de voltar. Por incrível que pareça, éramos seis, só eu voltei. Ninguém quis voltar para terra natal. E aqui no meu trabalho no SESI eu conheci Heloisa e depois, assim, cresceu uma amizade muito estreita entre nós e foi até o dia que a morte nos separou. Estava no hospital ao lado dela, (dando força à amiga) quando Heloisa fechou seus olhos. Mas antes disso, partilhamos um trabalho intenso na implementação da Escola de Serviço Social em Campos, sob a liderança de Dona Violeta. Duas líderes... assim inesquecíveis... e foi assim que a coisa começou. (Conceição Muniz em entrevista concedida a Ana Costa e Marilda Iamamoto, 22 de abril de 2021).

A Escola de Serviço Social de Niterói, criada pelo Decreto Estadual 1397 de 06 de julho de 1945, do então governador Ernani de Amaral Peixoto, surge subordinada ao Conselho Estadual de Serviços Sociais (CEES)<sup>7</sup>, fruto de uma aliança entre Igreja e Estado. Enquanto o conteúdo do ensino recebe acentuada influência católica, sua direção tem forte apoio de Alzira Vargas

---

<sup>7</sup> O CESS tinha por função fiscalizar, coordenar e melhorar a utilização das obras sociais mantidas pelo poder público e por particulares, coordenando os serviços assistenciais no estado. À época é estimulada a criação de *Centros Sociais Rurais* voltados ao “progresso econômico e social da população do interior” (GAMA, 1995)

Peixoto e sua equipe. A Escola passa a ter personalidade jurídica como órgão de Estado, subordinada à Secretaria de Educação pela Lei Estadual 2196 de 23 de junho de 1954. Já em 1956, foi reconhecida como instituição de nível superior, subordinada ao Ministério de Educação e Cultura (Decreto 38968 de 03/04/1956). Durante sua formação em Niterói, Conceição Muniz foi presidente do Diretório Acadêmico Maria Kiehl (DAMK)<sup>8</sup> criado em 15 de maio de 1959, e, como tal, participou da luta para a criação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Com acadêmicos de medicina, engenharia, ciências econômicas e Serviço Social percorreu ministros e autoridades da área de educação. E como informa a entrevistada: “Me orgulho de ter lutado pelo nascimento da UFERJ como aluna, como acadêmica” e presidente do Diretório Acadêmico Maria Kiehl.

O propósito de criação de uma universidade pública do estado do Rio de Janeiro foi abraçado por Roberto Silveira e vai se concretizar na aliança do Governador com professores, alunos, Centros Acadêmicos e a União Fluminense de Estudantes (UFE). O Governador em sua articulação política encaminha um pedido formal de implantação de uma Universidade Fluminense ao Presidente da República Juscelino Kubitschek no final de novembro de 1959, que envia mensagem ao Congresso para a criação da tão sonhada iniciativa. Assim a Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UFERJ) origina-se em 1960 (Lei 4.831 de 18/12/1960) e é renomeada como Universidade Federal Fluminense em 1965 (Lei 4.831 de 05/05/1965)<sup>9</sup>. As Escolas mais novas foram inicialmente agregadas à UFERJ (Engenharia, Serviço Social, Enfermagem e Ciências Econômicas) e continuaram lutando por sua federalização, o que tem lugar em 13 de setembro de 1961 (Lei Federal 3.958). É após a federalização que a Escola de Serviço Social de Niterói formula seu projeto de expansão para o interior do estado, elaborado pelo Prof. Jamil El Jack, abrangendo o Norte Fluminense (Campos), o Centro do estado (Nova Friburgo) e o Sul (Volta Redonda). Apenas a interiorização ao norte do estado, em Campos dos Goytacazes, foi concretizada (GAMA, 1995)

Com a morte prematura de Roberto Silveira, em 28 de fevereiro de 1961, assume o Vice-governador, ex-deputado federal Celso Peçanha, nascido em Santo Eduardo, distrito de Campos dos Goytacazes, em 28/02/1961. Uma hipótese a ser ponderada é a de que a emergência do curso de Serviço Social em Campos dos Goytacazes, em junho de 1962 (Diário do Congresso Nacional, VI - N° 55, 03 de abril de 1951)<sup>10</sup>, pode ter sido beneficiada por iniciativa de um projeto

---

<sup>8</sup> O Diretório Acadêmico Maria Kiehl (DAMK), com sede e foro em Niterói, município do Estado do Rio de Janeiro, é a entidade máxima que congrega os estudantes do curso de Serviço Social na Universidade Federal Fluminense. O nome do DAMK homenageia Maria Kiehl, uma das primeiras assistentes sociais brasileiras, formada em Bruxelas (Bélgica) juntamente com Albertina Ramos, a convite de M.lle Adèle de Loneux, que esteve no Brasil em 1932. Ao regressarem em 1936, essas duas assistentes sociais colaboraram na fundação da Escola de Serviço Social de São Paulo e de várias outras no país, inclusive com a Escola de serviço Social de Niterói. Cf. Iamamoto e Carvalho (1982).

<sup>9</sup> Os dados supracitados foram extraídos de GAMA, Violeta Campofiorito de Saldanha da. *Memórias. Homenagem aos 50 anos da Escola de Serviço Social de Niterói (1945-1995)*. Niterói: EDUFF, 1995.

<sup>10</sup> Cf. <https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=170704>, encontra-se aqui o projeto publicado na íntegra, que dispõe sobre as finalidades do ensino do Serviço Social, sua



de Lei Nº 51/1951, que “dispõe sobre a finalidade do ensino do Serviço Social, sua estruturação, e sobre as prerrogativas dos portadores de diplomas de Assistente Social”, apresentado pelo então Deputado Federal Celso Peçanha - PTB/RJ, sinalizando certa aproximação positiva do Governador deste momento com essa profissão. Iniciativas voltadas ao exercício e regulamentação da profissão do Assistente social e aos compromissos de Amaral Peixoto com a região Norte Fluminense, desde seus mandatos como interventor durante o Estado Novo e depois, no período de democratização com a sua eleição, em 1951. Campos era um dos municípios em que a oposição ao executivo fluminense se manifestava mais forte, sob a alegação que desejava ser a capital do Estado” (COSTA, 2008). Tais circunstâncias puderam eventualmente favorecer a iniciativa de receber a primeira faculdade pública e gratuita no Norte Fluminense, corporificada no curso de Serviço Social de Campos da UFF.

Mas não se pode menosprezar o domínio na política fluminense exercido pelo comandante Amaral Peixoto, genro de Getúlio Vargas, que dirige o estado do Rio de Janeiro nos períodos 1937-1945 como interventor e como governador eleito em 1950. Mas sua influência alarga-se no período 1955-1958 como Governador Miguel Couto, por ele indicado; e, em 1958 com Roberto da Silveira, após a ruptura entre PTB e UDN no Rio de Janeiro. Esse universo político ficou conhecido como “amaralismo”, política regional que dava suporte ao governo federal no estado com força municipalista que fortalecia simultaneamente iniciativas na área de assistência social sob o comando de Alzira Vargas Peixoto. A estratégia consistia na formação dos partidos e de alianças para a eleição estadual, exercendo o papel de “mediador entre os líderes municipais e as instâncias estadual e federal de poder e também entre os eleitores e seus representantes”, garantindo os acessos que demandam os envolvidos nestas relações e o usufruto de benesses deles decorrentes. (COSTA 2008, p. 107)<sup>11</sup>.

O contexto da implantação da Escola de Serviço Social de Campos é marcado por transformação, ajustes e precarização das relações de trabalho e das condições de vida dos trabalhadores do Norte fluminense. A dinâmica canavieira na região revela tanto possibilidades quanto contradições do processo de centralização industrial: por um lado, serviu para selecionar os grandes engenhos simultaneamente à falência dos menores, deixando para trás um enorme estoque de terras ociosas, degradadas e improdutivas; e de outro lado, para o aumento de trabalhadores precarizados, desempregados ou clandestinos, sobretudo nas cidades e periferias urbanas (ALENTEJANO, 2008). O acirramento dessas contradições traz à tona o protagonismo da classe trabalhadora, dos sujeitos despossuídos -, ou como denomina Fernandes (1973), das

---

estruturação, e sobre as prerrogativas dos portadores de diplomas de Assistentes Sociais. Acessado em 21/11/2021.

<sup>11</sup> Costa (2008, p 104) considera o “amaralismo como a cultura política dominante no estado do Rio de Janeiro ainda que suas práticas políticas não sejam “originais” ou diferenciem este dos demais grupos políticos. Para afirmarmos isto levamos em consideração o fato dos políticos possuírem a noção de pertencimento àquele grupo e a capacidade deste grupo de reforçar seus laços eleitorais, já que em uma sociedade complexa existem diversas visões de mundo, e entre estas visões (na esfera política) sobressaiu-se o amaralismo”.

classes não possuidoras - por meio das lutas por melhores salários, condições de vida e pela terra na região. Como relata o militante Delso Gomes (2014), preso durante a ditadura militar empresarial em 1964 no Estádio Caio Martins em Niterói, que foi transformado em presídio:

encontrei muita gente, inclusive trabalhadores do Imbé, núcleo de reforma agrária que o pessoal tinha implantado lá em terras virgens, era terra devoluta do Estado. Então os deputados, Adão Pereira Nunes, Batistinha, que era um outro deputado federal ferroviário, mais JacirBarbeto que era vereador, eles organizaram uma leva de pessoas pro Imbé, então com ajuda do prefeito, que na época era um prefeito muito democrático, Barcelos Martins. Eles conseguiram transporte da prefeitura e eles foram pras favelas porque sabiam que nas favelas era gente que tinha vindo do campo, premidos pelas circunstâncias do desemprego, e muitos não eram assalariados, trabalhavam com contrato de meia, terço, aquele tipo... aquelas relações coloniais ainda. Então depois a lei começou a enquadrar o proprietário então eles foram acabando com esse tipo de relação de trabalho. (Delso Gomes, entrevista realizada em 19/11/2014 por Ana Costa e Marilda Iamamoto, depositada no NMSPP/CPDA/UFRRJ).

Campos dos Goytacazes teve um papel pioneiro na defesa dos direitos dos trabalhadores rurais e na organização dos assalariados da agroindústria canavieira no país<sup>12</sup>, berço que foi da criação dos primeiros sindicatos de trabalhadores do setor, demarcando o fio da luta contra a violação dos direitos trabalhistas que atravessa a trajetória dos trabalhadores.

Verifica-se que no governo Vargas, particularmente após 1937, a intervenção do Estado é orientada pela repressão à organização autônoma dos trabalhadores e pelo reconhecimento dos direitos do trabalho. Apesar da política oficial, foram registradas na região várias mobilizações grevistas, que se expandiram até o golpe militar. Em entrevista, Faria, fundador do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Campos (STRC) e liderança histórica sindical, faz referência a uma greve na Usina São José, em 1945, com mais de 800 pessoas. Já em 1960, o depoente cita uma greve na Usina do Outeiro, reunindo homens e mulheres no pleito por férias, repouso remunerado, pagamento em dia, entre outros. (IAMAMOTO e COSTA, 2018).

Pensar a criação do curso de Serviço Social no contexto também das lutas sociais, significa compreendê-la a partir das complexidades presentes em uma ordem em que a concentração das riquezas socialmente produzidas pelas classes trabalhadoras se dá por um lado, do outro a desigualdade se reproduz de forma ampliada, recusando o fetiche de afirmar como natural o conjunto dos indivíduos sociais excluídos da riqueza socialmente produzida.

## **A criação do Curso de Serviço Social em Campos dos Goytacazes**

Na trajetória dos 60 anos do curso de Serviço Social em Campos dos Goytacazes, dois acontecimentos coincidentes são da maior relevância para o Norte Fluminense: a primeira iniciativa de interiorização da atual UFF e a criação de um curso de nível superior público e totalmente gratuito - ou um curso de terceiro grau como é popularmente denominado-, possibilitando que uma parcela da sociedade, especialmente filhas da classe trabalhadora, pudessem então ter

---

<sup>12</sup>Cf. Ferreira (1995). O livro registra a trajetória de Antônio João de Faria (1905-1992), fundador do primeiro Sindicato dos Trabalhadores Rurais do Brasil.

acesso e cursar uma faculdade. Uma das relevantes particularidades dessa iniciativa foi que, nas primeiras turmas do curso, as mulheres ocupavam todas as vagas. A literatura sobre a história das mulheres tem salientado que uma primeira forma que muitas mulheres conseguiram alçar a “saída” de seus lares para os espaços públicos foi por meio de profissões tidas como femininas porquanto ligadas ao “cuidado” (como é o Serviço Social, enfermagem, pedagogia) (FREITAS et al, 2018). Também são mulheres, as pioneiras da implantação da escola de Serviço Social em Campos, com destaque às assistentes sociais Conceição Muniz e Heloisa Paixão. Outro aspecto que marca a criação das Escolas de Serviço Social de Niterói e também a de Campos, é o “pertencimento de classe das chamadas pioneiras”. (FREITAS et al, 2018). Se nos demais cursos, essas eram somente oriundas dos setores da elite branca, em Niterói, a ESSN/UFF integrava e acolhia mulheres descasadas, negras e espíritas (COSTA,1995).

Segundo Muniz, em entrevista a nós concedida, Violeta da Gama, então diretora da Escola de Serviço Social de Niterói, impulsiona a expansão do curso para a planície Goitacá, mas que em relação a implantação do curso de Serviço Social em Campos, o mérito principal desse pioneirismo, é de Heloisa Monteiro Paixão.

Já de volta como assistente social, ela (Heloisa) me chamou para a implantação do curso de Serviço Social do Estado do Rio de Janeiro e eu aceitei. Mas se ela não fosse a pioneira acho que eu não teria não teria aceitado. Eu achei assim a tarefa dela gigantesca! Mas não aderir seria impossível. Então nós começamos um trabalho de implantação e divulgação. Heloisa visitando escolas, todas escolas de ensino médio...E ela ia fazer mil palestras, convidando e entusiasmando as jovens para fazerem e entrarem na Escola de Serviço Social. [...] Heloisa e dona Violeta eram uma dobradinha: Violeta em Niterói e Heloisa, em Campos. [...] Apoio inesquecível, foi o chefe da Inspetoria Escolar, do estado do Rio de Janeiro, inspetoria que liderava assim um trabalho em escolas públicas e privadas no curso primário: Doutor Evaldo Máximo de Azevedo. E ele deu apoio assim enorme. Inclusive, a primeira instalação que nós tivemos foi ele quem cedeu o espaço da Inspetoria Escolar era numa salinha num porão. Depois partilhamos com o Centro de Puericultura de Campos. Era um espaço bem pequeno. O Centro de Puericultura funcionava de manhã e à tarde a Escola de Serviço Social. Eu me lembro até do dia que o Reitor - não lembro o nome dele-, um senhor bem velhinho, bem idoso veio visitou as duas salinhas e falou: o resto é lá em cima? E respondi: Não, acaba aqui... Dê-se por satisfeito! (Conceição Muniz em entrevista concedida a Ana Costa e Marilda lamamoto, 22 de abril de 2021).

Conceição Muniz também registra o apoio de Prefeitos da época: o Dr. Barcelos Martins e Rockefeller Felisberto de Lima, este posteriormente.

Então todos deram realmente muito apoio, só que até certo ponto. Porque essas questões de instalações dependiam das lideranças da própria Escola de Serviço Social, da Secretaria de Educação. A UFF chegou depois. Nós somos precursoras: a Escola desde 1959, 1960 e a UFF em 1962. Quando a Escola nasceu aqui ainda era uma escola do Estado do Rio de Janeiro, Setor Norte Fluminense. Depois é que veio a UFF. (Conceição Muniz em entrevista concedida a Ana Costa e Marilda lamamoto, 22 de abril de 2021).

Tais informações sobre o surgimento da Escola de Serviço Social de Campos são completadas por Violeta da Gama, em suas Memórias (1995) que também traz contribuições preciosas sobre o processo de sua constituição:

Aprovado o projeto, iniciamos nossa ação pela cidade de Campos, onde havia um movimento local liderado pela Dr<sup>a</sup> Josepha Meirelles, minha amiga, que, em um abaixo-assinado dirigido à Escola, demonstrava o interesse de mais de cinquenta estudantes que desejavam ingressar na Escola de Serviço Social, porém não tinham condições financeiras de se manter em Niterói (p.19)

O técnico de educação de Campos, Prof. Evaldo Azevedo e vários líderes comunitários colaboraram para que a Escola fosse se instalar, através do plano de expansão, na cidade de Campos, atendendo a interessados de todo o norte fluminense. (p.19).

Professores e supervisores de Niterói se deslocaram para passar vários períodos em Campos para o devido treinamento de professores, e da ação administrativa. Prestaram relevantes serviços os professores Arlete Braga, Nilda Ney, Mercedes Juncá Trindade, Hilda e Jamil El Jaick e eu própria, além de outros. (p.19).

A direção e a vice-direção da Escola de Campos ficaram a cargo das assistentes sociais Heloisa Monteiro e Conceição de Maria Muniz, residentes em Campos, e muito atuantes na coordenação geral. (p.19).

Professores, assistentes sociais, da Escola de Serviço Social de Campos:

1 -Heloisa Monteiro; 2 - Conceição de Maria Muniz; 3 - Maria José Oliveira; 4- Marly Cordeiro da Hora; e outros, todos excelentes colaboradores. (p. 70).

Conceição Muniz participou ativamente da implantação da Universidade Federal Fluminense em Campos e da busca de um espaço para sua instalação, ressaltando a coragem e determinação de Heloisa Monteiro Paixão.

Eu participei. Era impossível não aderir ante a coragem da Heloisa... Na época a gente lutou muito: a Heloisa andava para todos os cantos. Primeiro, onde se instalar? E a gente fez assim verdadeiras peripécias. Nossa primeira instalação foi no porão da Inspeção Escolar, cedido por doutor Evaldo Máximo de Azevedo. Ficamos lá numa casa, primeiro um cursinho pré-vestibular: era uma salinha. Depois nós conseguimos que dona Quininha - era Joaquina Mendes Belo de Campos - cedesse a coabitação com o Serviço de Puericultura. Depois nós fomos pra onde hoje é o Hospital Álvaro Alvim, ficamos lá um bom período...até que foi comprado o primeiro prédio, que é aquela antiga casa do doutor Luís Sobral - (...) um médico respeitado, com longa história na medicina em Campos- na rua José do Patrocínio. Depois foi comprada a outra casa que era do Sr. Esperança: ainda bem que era sua esperança que fez a coisa crescer e funcionar. (Conceição Muniz em entrevista concedida a Ana Costa e Marilda Iamamoto, 22 de abril de 2021).

Indagada sobre as repercussões da ditadura empresarial-militar na Escola de Serviço Social de Campos, Muniz considera:

Nas escolas ... havia alunos de direita e de esquerda. Havia uma aluna que era líder de esquerda. Então todo dia quando eu saía de casa para ir à escola, que era noite, eu pensava... será que ia encontrá-la? E encontrava a aluna e respirava fundo. Tinha aluna de extrema direita e extrema esquerda e realmente a gente teve um período difícil: era um fio de arame e equilibrando no arame para não ter muito problema. Essa menina um dia, eu cheguei ela não estava mais. Depois fui saber que ela tinha ido pra Argélia. [...] Ela saiu do Brasil e voltou. O perigo era esse. Tinha gente integralista e partido de esquerda. (Conceição Muniz em entrevista concedida a Ana Costa e Marilda Iamamoto, 22 de abril de 2021).

O legado de trabalho de nossa homenageada enquanto assistente social não é menos rico que seu contributo à formação acadêmico-profissional. Como ela nos revela, implantou o Serviço Social no SESI-Campos inaugurado em 1949<sup>13</sup>. Heloisa Paixão que a antecedeu, logo se afastou em decorrência da maternidade. Foi também funcionária do Instituto de Aposentadoria e Pensão dos Industriários, (IAPI) depois Instituto Nacional de Previdência Social (INPS) e, hoje,

<sup>13</sup>Cf. Jornal do Comércio de 28/06/1950, p. 7

Instituto Nacional de Seguridade Social (INSS). Como já faz 30 anos de sua aposentadoria, diz brincando “que vai pedir ao governo a aposentadoria da aposentadoria”.

Em Campos, Conceição Muniz teve contato com as usinas açucareiras, em uma primeira aproximação como assistente social do SESI. Inicia com a Usina São João, onde implantou o Serviço Social. Também no IAPI - uma de suas experiências de maior importância - trabalhava com funcionários das Usinas, trabalhadores rurais e ministrava cursos de “Interpretação da Previdência Social”, dos quais participavam especialmente funcionários do setor de pessoal da empresa ou da usina que faziam contato dos empregados com o Instituto. E acentua que no Instituto, os setores de benefícios “tinham um grande problema porque a legislação do Instituto e os interesses das empresas, eram outros”. E relata a seguinte situação:

Então houve um trabalhador de usina, que morreu. Ele trabalhava no corte de cana e teve um enfarte, quando pegou fogo nos fios em cima da cabeça. Era até uma mulher e ela morreu. E o pessoal da usina, outros funcionários assim, relutando em achar que aquilo foi um acidente de trabalho. Eu me lembro que eu respondi assim, bem...Mas gente, então ela morreu de susto? Você tá cortando cana e pega fogo na fiação na sua cabeça...então ela morreu de quê? Não é acidente de trabalho não?

Então, o nosso papel foi assim, de estabelecer um diálogo mais próximo e, era um trabalho árduo, difícil, mas era assim... Eu gostava do trabalho porque era fascinante. Era uma luta, mas com palavras, mostrando os caminhos! Daquele período me lembro e me deu até saudade. (Conceição Muniz em entrevista concedida a Ana Costa e Marilda Iamamoto, 22 de abril de 2021).

Nessas experiências, as tensões que circunscrevem o ambiente de trabalho do assistente social fazem com que “nossa caminhada seja no fio do arame”, como afirma Conceição Muniz.

## Considerações finais

Por meio desse percurso da pesquisa buscou-se compreender o contexto político e econômico de criação do curso de Serviço social em Campos na complexa década de 1960, por meio de documentos e principalmente, da nossa entrevistada Conceição Muniz. Revelou-se a importância dessa iniciativa, que além de um curso público e gratuito, também fincou na Planície Goitacá os pilares para interiorização da Universidade Federal Fluminense.

Esse legado, iniciado com as pioneiras, vem sendo alicerçado e ampliado na perspectiva da construção de um projeto político de sociedade que inclua a articulação de diferentes interesses e opiniões, potencialmente contrários ao caráter conservador e excludente da reestruturação neoliberal; e direcionado a soldar uma vontade política constituinte de uma efetiva soberania nacional, popular e democrática, voltado para o fortalecimento das lutas sociais. Esse projeto se opõe aos cortes e redução progressiva de recursos e direitos para a área social, aos ajustes estruturais da economia, às imposições das instituições financeiras internacionais, enfim, à subalternização dos interesses democráticos às regras do grande capital financeiro internacional

Finalizando este texto, registramos nossas saudações e agradecimentos a professora e assistente social Conceição de Maria da Costa Muniz por sua generosa acolhida, pelo aprendizado

de vida e ricas informações compartilhadas. Nossa homenagem ao Departamento de Serviço Social da UFF- Campos nos seus 60 anos de profícuo trabalho coletivo.

## Referências

ALENTEJANO, Paulo Roberto Raposo. **O Norte Fluminense, a luta pela terra e a política de reforma agrária no estado do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro. mimeo.2008.

COSTA, Rafael Navarro. *Tecendo as redes da política: articulações e projetos na construção do amaralismo*. Rio de Janeiro, Agosto de 2008. Dissertação de Mestrado/PUC-Rio.

COSTA, Sueli Gomes. **Signos em transformação: a dialética de uma cultura profissional**. São Paulo: Editora Cortez, 1995.

Diário do Congresso Nacional, VI - Nº 55, 03 de abril de 1951.

FARIA, Teresa Peixoto. **Configuração do Espaço Urbano da Cidade de Campos dos Goytacazes, Após 1950**: Novas Centralidades, Velhas Estruturas. Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina –Universidade de São Paulo, 20 a 26 de março de 2005.

FERNANDES, Florestan. **Capitalismo dependente e classes sociais na América Latina**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar,1973

FERREIRA, Avelino. **Faria tudo outra vez**. Antonio João de Faria. A vida e as lutas do fundador do primeiro sindicato de trabalhadores rurais do Brasil. 2ªed. Campos dos Goytacazes RJ: Marka ed. & Gráfica, 2015.

FREITAS, Rita et al. **História do Serviço Social – resgatando uma história de mulheres**. Rio de Janeiro. 2o Semestre de 2018 - n. 42, v. 16, p. 228–246

GAMA, Violeta Campofiorito de Saldanha. **Memórias. Homenagem aos 50 anos da Escola de Serviço Social de Niterói (1945-1995)**. Niterói: EDUFF, 1995.

GNACARRINI, José Cesar. **Estado, ideologia e ação empresarial na indústria açucareira do Estado de São Paulo**. Tese de doutoramento. São Paulo: FFLCH-USP, 1972.

GOMES, Leila Maria Alonso. **Proteção Social no estado do Rio de Janeiro 1945/1964**. Niterói:1997.

GOMES, Delso. **História do Partido Comunista em Campos (Memórias de um partido revolucionário)**. Campos dos Goytacazes: Jornal Dois Estudos Gráfica e Editora, 2000.

IAMAMOTO, Marilda Villela; Carvalho, Raul de. **Relações Sociais e Serviço Social no Brasil: esboço de uma interpretação histórico-metodológica**. São Paulo: Cortez, Celats, 1985.

IAMAMOTO, M. V. **Trabalho e indivíduo social**. São Paulo: Cortez, 2001.

IAMAMOTO, Marilda Villela e COSTA, Ana Maria Almeida da. O Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Campos dos Goytacazes e a luta por direitos na ditadura (1964-1985). In.: MEDEIROS (Org.). **Ditadura, conflito e repressão no campo: a resistência camponesa no estado do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Consequência, 2018, p. 557-602.

HEMEROTECA DIGITAL DE BIBLIOTECA NACIONAL. *Jornal do Comércio* de 28/06/1950, p. 7. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=364568\\_14&hf=memoria.bn.br&pagfis=2794](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=364568_14&hf=memoria.bn.br&pagfis=2794)>. Acesso em: 10/01/2022.

NEVES, Delma Pessanha. **Lavradores e pequenos produtores de cana: estudos das formas de subordinação dos pequenos produtores agrícolas ao capital**. Rio de Janeiro, Zahar, 1981.

PINHEIRO, Maria Esolina. **Serviço Social, uma interpretação do pioneirismo no Rio de Janeiro. Documentário**. Rio de Janeiro: UERJ, 1985.

PINTO, A. C. **Quem quebrou a casa de meu pai? Niterói**: Comunitá/Panorama ed., 2004.

QUEDA, Oriowaldo. **A intervenção do Estado na agroindústria canavieira paulista. Tese de doutorado**. Piracicaba-ESALQ-USP, 1972.

ROCHA, José Sérgio. **Roberto Silveira: A pedra e o fogo**. Niterói, Casa Jorge Editorial, 2003.

SZMRECSÁNYI, Tamás. **O planejamento na agroindústria canavieira no Brasil (1930-1975)**. São Paulo: Ed. Hucitec /Unicamp, 1979.

SESI. Disponível em: < <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/servico-social-da-industria-sesi>>. Acesso em: 27/12/2021.

SESI. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Servi%C3%A7o\\_Social\\_da\\_Ind%C3%BAstria](https://pt.wikipedia.org/wiki/Servi%C3%A7o_Social_da_Ind%C3%BAstria)>. Acesso em: 12/02/2022.

PROJETO DE LEI. Disponível em: <<https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=170704>>. Acesso em: 13/01/2022.

## Entrevistas:

GOMES, Delso. Entrevista realizada em 19/11/2014 por Ana Costa e Marilda lamamoto, depositada no NMSPP/CPDA/UFRRJ).

MUNIZ, Conceição. Entrevista concedida a Ana Costa e Marilda lamamoto em 22 de abril de 2021.

## NOTAS

### \* Ana Maria Almeida da Costa

Doutora em Serviço Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Professora Associada do Departamento de Serviço Social de Campos da Universidade Federal Fluminense. Integrante do Núcleo de Pesquisa em Dinâmica Capitalista e Ação Política (NETRAD).

E-mail: [costa\\_ana@id.uff.br](mailto:costa_ana@id.uff.br)

<https://orcid.org/0000-0003-0256-139X>

### \*\* Marilda Villela lamamoto

Doutora em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professora Titular Aposentada da Universidade Federal do Rio de Janeiro e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Pesquisadora Bolsista produtividade/CNPQ.

E-mail: [mviamamoto@uol.com.br](mailto:mviamamoto@uol.com.br)

<https://orcid.org/0000-0002-4838-1290>

#### **CONJUNTO DE DADOS DE PESQUISA**

Todo o conjunto de dados que dá suporte aos resultados deste estudo foi publicado no próprio artigo.

#### **FINANCIAMENTO:**

Não se aplica.

#### **CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM:**

Não se aplica

#### **APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA:**

Não se aplica.

#### **CONFLITO DE INTERESSES:**

Não se aplica

#### **LICENÇA DE USO**

Os autores cedem à Revista Goitacá os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a Licença Creative Commons Attribution (CC BY) 4.0 Internacional. Esta licença permite que terceiros remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os autores têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

#### **PUBLISHER**

Universidade Federal Fluminense. Publicação no Portal de Periódicos UFF. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

#### **EDITORES**

Ana Claudia de Jesus Barreto e Juliana Desiderio Lobo Prudencio

#### **HISTÓRICO**

Recebido em: 21-01-2022 – Aprovado em: 06-03-2022 – Publicado em: 14-06-2022.